

A REVOLUÇÃO FRANCESA E OS JACOBINOS: uma análise acerca das razões que levaram à cisão dos membros do Clube dos Jacobinos de Paris em 1791

LARA SCORSATO SAYA¹

Pensar o período da Revolução Francesa de 1789 nos oferece muitas possibilidades de abordagem, mas antes é preciso entender o fenômeno dentro de um contexto maior que não se limita ao território francês, mas sim como algo próprio do século XVIII. Nesse momento vem à tona a razão iluminista que incita a intelectualidade, a crítica e o debate em torno da religião e das ações do Estado no âmbito político e econômico, que marca o final do período moderno e o advento da contemporaneidade, momento marcante para a história ocidental.

A partir da concepção do historiador Reinhart Koselleck sobre a Revolução Francesa de 1789 ao entendê-la como “*La Révolution*”² [A Revolução] devido à sua importância na consolidação de um novo conceito de história que a elevou à categoria de uma ciência da reflexão, nos abre espaço para que também a pensemos sob a perspectiva da metáfora do nascimento de uma nova ordem enterrando uma ordem antiga. Tal é a ideia do mito solar³ que envolve a Revolução como sendo a “luz vitoriosa das trevas, da vida renascendo do seio da morte, do mundo reconduzido ao seu começo”⁴. Assim, o termo revolução, entendido por Koselleck como “uma transformação de longo prazo”⁵ cujos eventos e estruturas “atingem profundamente o nosso cotidiano”⁶ assume na Revolução Francesa um caráter mítico de renovação e tem uma projeção que vai muito além do imaginário francês, possibilitando o surgimento da ideia de Antigo Regime para “expressar a cesura irreversível entre um antes sem volta e um depois”⁷, com o qual vemos o advento da história contemporânea.

* Mestranda em História na UFPR (Universidade Federal do Paraná) e bolsista do CNPq. Currículo Lattes: <http://lattes.cnpq.br/8687134462215678>. E-mail: larasaya@gmail.com.

² KOSELLECK, Reinhart. **Futuro Passado**: contribuição à semântica dos tempos históricos. Rio de Janeiro: Contraponto Ed. PUC-Rio, 2011, p. 52.

³ A ideia do mito solar é trabalhada por Jean Starobinski para classificar a percepção do período revolucionário francês de 1789 e de que forma isso influenciou na produção artística francesa, como esculturas, pinturas, poemas que se utilizavam de metáforas para representar o advento de um novo tempo de transformações, a saber, a Revolução, em oposição a uma ideia de decadência, “trevas”. Ver mais em: STAROBINSKI, Jean. O mito solar da Revolução. In: _____. **1789**: os emblemas da razão. Trad. Maria Lucia Machado. São Paulo: Companhia das Letras, 1988, p. 38.

⁴ STAROBINSKI, Jean. **1789**: os emblemas da razão. Trad. Maria Lucia Machado. São Paulo: Companhia das Letras, 1988, p. 38.

⁵ KOSELLECK, op. cit., p. 61.

⁶ Ibid.

⁷ VOVELLE, Michel. **A Revolução Francesa** (1789-1799). Trad. Mariana Echalar. São Paulo: UNESP, 2012, p. 1.

A década revolucionária francesa (1789-1799) é vista pelo historiador Michel Vovelle como uma época de subversão total “de todo um edifício político, institucional e social de longa data”⁸, cuja importância se deve pela enorme ruptura revolucionária em um curto período e pela proporção de suas transformações na sociedade francesa do século XVIII. Partindo para a delimitação do nosso objeto, nessa conjuntura já exposta, clama por destaque em nossa análise o fato de que a Revolução Francesa possibilitou o surgimento de novas estruturas de sociabilidade de cunho político. Entre essas estruturas constavam os clubes, locais de encontro de homens das camadas sociais mais altas da França aos moldes dos salões ingleses e das sociedades de pensamento⁹. Apesar de já existirem essas sociedades no início do século, como as lojas maçônicas, é no contexto dos Estados Gerais de 1789 que o país presencia o surgimento de um clube que será de suma importância para os acontecimentos revolucionários: o Clube dos Jacobinos.

Como afirma Aulard¹⁰, sobre a origem do Clube dos Jacobinos em sua primeira forma enquanto Clube Bretão as informações são vagas e contraditórias, no entanto, é possível datar, através de relatos da época, sua origem nos primeiros dias da Revolução em 1789. Fundado por deputados bretões em Versalhes, o clube se instala em Paris em outubro de 1789 no convento dos jacobinos da rua Saint-Honoré, que dará nome ao clube a partir de fevereiro de 1792, inicialmente sob a denominação oficial de Sociedade dos Amigos da Constituição.

Segundo Vovelle, sobre suas características, “[o clube] se abre para aderentes de níveis sociais mais elevados, propõe-se [a] discutir temas políticos tratados na Assembleia, sobretudo a Constituição, e manter contato com as outras sociedades do reino”¹¹. A princípio, os jacobinos não eram bem vistos pelos políticos moderados por defenderem um plano constitucional para a França, no entanto, eles exerceram rápida influência no território francês e sustentavam uma posição política mais radical que os outros grupos, tanto que em diversos momentos sofreram inúmeras medidas repressivas dos conservadores, como a lei Le Chapelier de 1791 que proibia as corporações, sua organização e atividades. É dessa forma que a historiadora Carlota Boto nos lembra que “os jacobinos iniciavam, portanto, sua

⁸ VOVELLE, Michel. **A Revolução Francesa** (1789-1799). Trad. Mariana Echalar. São Paulo: UNESP, 2012.

⁹ Ibid., p. 117.

¹⁰ AULARD, F. -A. Introduction. In: _____. **La Société des Jacobins**: recueil de documents pour l’histoire du Club des Jacobins de Paris. Paris: Maison Quantin, 1889, p. 11.

¹¹ VOVELLE, op. cit., p. 118.

inserção na história mediante um ato coletivo e consciente sobre os poderes constituídos, tendo em vista tornarem-se protagonistas no cenário nacional acerca de tudo o que dissesse respeito à esfera pública”¹². Sendo assim, destacamos a importância de se olhar para dentro do Clube enquanto instituição, pois é nessa nova espacialidade que os jacobinos, homens da política, se reúnem para discutir assuntos ligados à política nacional.

Uma das características iniciais do Clube dos Jacobinos foi permitir a afiliação somente para os homens que compunham a Assembleia dos Estados Gerais, além de cobrar uma cota de 25 libras aos seus membros, logo, quem poderia fazer parte do Clube era um grupo seletivo e proveniente das camadas mais altas da sociedade. Porém, a partir de 1791 houve uma abertura de suas atividades políticas com a qual passam a realizar audiências e outros atos públicos visando discutir temas a serem debatidos na Assembleia Nacional e angariar força popular para fortalecer o plano constitucional. Há um consenso entre os autores trabalhados¹³ sobre a importância e a influência política dos jacobinos para com a Revolução e, quando falamos nos jacobinos, não podemos dissociá-los da sede de seus encontros políticos em Paris. Dessa forma, o historiador Josemar Machado de Oliveira chama a atenção para o que seria mais polêmico desse grupo: “a definição das características sociais e ideológicas dos seus integrantes”¹⁴. Com todo o decorrer revolucionário, os jacobinos foram marcados por diferentes momentos em sua existência e atuação, sendo mais comum aos “trabalhos historiográficos de vulgarização”¹⁵ voltar os olhos para a fase do Terror e considerá-la como a mais “espetacular”¹⁶ quando as lideranças jacobinas assumem o governo

¹² BOTO, Carlota. **Política e produção compartilhada de sentidos públicos**: rastros e rumos do jacobinismo. Revista USP, São Paulo, n. 50, p. 289-303, junho/agosto 2001, p. 300.

¹³ A historiografia analisada levanta algumas questões sobre os jacobinos, principalmente quanto à importância de sua organização política da época, que se assemelha à forma partidária que conhecemos atualmente pela relação entre o partido, poder estatal e outras organizações. Ver: BOTO, Carlota. **Política e produção compartilhada de sentidos públicos**: rastros e rumos do jacobinismo. Revista USP, São Paulo, n. 50, p. 289-303, junho/agosto 2001; OLIVEIRA, Josemar Machado de. **Os jacobinismos (1789-1794)**. Dimensões, Vitória, ES, n. 19, NPIH/Ufes, 189-205, 2007; VOVELLE, Michel. **Jacobinos e Jacobinismo**. Trad. Viviane Ribeiro. Bauru: Edusc, 2000. Além disso, outros estudos ponderam a influência direta dos jacobinos no curso revolucionário. Ver: VOVELLE, Michel. **A Revolução Francesa (1789-1799)**. Trad. Mariana Echalar. São Paulo: UNESP, 2012; AULARD, F. -A. Introduction. IN: **La Société des Jacobins**: recueil de documents pour l'histoire du Club des Jacobins de Paris. Paris: Maison Quantin, v. 1, p. I-CXXXVI, 1889.

¹⁴ OLIVEIRA, Josemar Machado de. **Os jacobinismos (1789-1794)**. Dimensões, Vitória, ES, n. 19, NPIH/Ufes, 189-205, 2007, p. 192.

¹⁵ Ibid., p. 193.

¹⁶ Ibid.

revolucionário em 1792 e o tornam mais radical contando com apoio dos populares *sans-culottes* no projeto de estabelecer o regime republicano e caçar os inimigos da Revolução.

No entanto, os objetivos deste trabalho estão na direção oposta de conferir um lugar privilegiado ao momento de chegada dos jacobinos ao poder, apesar de reiterarmos ser um marco vital para a história revolucionária, cujas proporções de uma revolução *stricto sensu* são assumidas: indubitáveis e profundas transformações nas instituições políticas, sociais, econômicas e culturais, em seu sentido mais radical de todo o período. Em outras palavras, nosso foco não será o período da tomada do poder pelos jacobinos, mas sim tentar compreender o momento no qual os membros têm como principal local de debate o Clube e, assim, evidenciar a importância desse novo espaço de sociabilidade política para a Revolução.

As atas das reuniões do Clube jacobino, sediado em Paris, servem de excelente ponto de partida para o tipo de trabalho que pretendemos, visto que, além de se apresentarem em grande quantidade, se mostram fecundas ao explorarem temáticas e variedades do cotidiano político da Revolução. Explorar os documentos selecionados significa revelar detalhes muitas vezes esquecidos. Tal é a constatação da historiografia explorada até a atualidade: percebemos um número considerável de estudos sobre os jacobinos, mas tais estudos enfatizam a participação dos agentes políticos enquanto figuras isoladas, ou sobre suas características no momento em que assumem o poder revolucionário, desconsiderando, assim, o papel e a relevância do Clube enquanto instituição política.

A trajetória dos jacobinos é de suma importância para a Revolução Francesa de 1789. Antes mesmo de assumirem o governo revolucionário no contexto republicano de 1792, os jacobinos já exerciam sua influência nos clubes, novos espaços de sociabilidade e de exercício político que emergiram no contexto da Revolução, ou seja, ambientes favoráveis às discussões intelectualizadas e elaboração de propostas a serem levadas para as sessões da Assembleia Nacional. Dessa forma, a organização das reuniões e os embates que sucederam dentro dessa espacialidade constituem ricas fontes para o entendimento da Revolução como um todo, partindo de um ponto específico: o grupo que teve grande notoriedade, a saber, os jacobinos e seu envolvimento no plano revolucionário ansioso por mudanças estruturais no cenário político francês.

É preciso ter em mente que a Revolução não modificou apenas a organização política da França, ela atingiu as profundezas da própria sociedade¹⁷ e teve um papel fundamental no reconhecimento e na valorização do indivíduo, de suas liberdades e dos direitos a serem assegurados. Assim, por essa valorização da política, a percepção da vida pública e a racionalização intrínsecas ao contexto em que a Revolução Francesa está inserida, o papel dos “principais homens políticos”¹⁸ nos clubes que surgem na França, especialmente os de Paris que mantêm frequente diálogo com os afiliados em outras cidades do reino francês, deve ter destaque em nossa análise. São eles que, imersos nesse espaço de sociabilidade onde é possível discutir e fazer proposições, influenciaram as decisões das Assembleias Nacionais e o curso da Revolução.

A historiografia examinada até o presente momento revela, em grande parte, uma preocupação em analisar os jacobinos enquanto figuras espetaculares, porém isoladas, como é o caso de Maximilien de Robespierre¹⁹, Condorcet²⁰, ou assuntos mais focados no período durante²¹ ou pós²² república jacobina. No entanto, há poucos estudos no sentido de compreender os jacobinos na conjuntura do Clube, ou da Sociedade dos Amigos da Constituição como se denominavam, enquanto uma instituição política, tendo em vista sua organização, suas características internas. Por essa razão, nosso trabalho se mostra relevante pelo olhar direcionado às fontes. Ao propormos lidar com um grupo social que abarca homens políticos em uma espacialidade que necessariamente é caracterizada por uma dimensão de exercício político - visto que o Clube dos Jacobinos é um lugar onde se faz proposições, se discute, onde há oposições e conflitos, - a representação é um ponto de partida importante.

¹⁷ GODECHOT, Jacques L. **Les institutions de la France**: sous la révolution et l’empire. Paris: Presses Universitaires de France, 1968.

¹⁸ Alexis de Tocqueville, historiador da Revolução de 1789 reserva um capítulo da sua obra “O Antigo Regime e a Revolução” aos literatos, os intelectuais, no qual discorre sobre como estes se tornaram as principais figuras políticas da França e o impacto disso na história da Revolução. Ver mais em: TOCQUEVILLE, Alexis de. Como, em meados do século XVIII, os literatos tornaram-se os principais homens políticos do país, e dos efeitos que disso resultaram. In: _____. **O Antigo Regime e a Revolução**. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2009.

¹⁹ Ver: OLIVEIRA, Josemar Machado de. **Robespierre e a “oposição de esquerda”**: as contradições da democracia revolucionária. Dimensões, Vitória, ES, n. 13, jul /dez 2001.

²⁰ RODRÍGUEZ, Margarita Victoria. **A origem da escola moderna**: o legado de Condorcet. Acta Scientiarum. Education, Maringá, v. 32, n. 1, p. 67-74, 2010.

²¹ SAES, Laurent Azevedo Marques de. **A propriedade sob a república jacobina**: o impacto da legislação revolucionária sobre a questão fundiária. 2008. 210 p. Dissertação (Mestrado em História Social) - Universidade de São Paulo, São Paulo, 2008.

²² SAFRAN, William. **Pluralism and multiculturalism in France**: post-jacobin transformations. Political Science Quarterly, v. 118, n. 3, dez.-mar., 2003.

Principalmente porque é possível observar que o contexto revolucionário com o qual trabalhamos e onde nosso objeto está inserido envolve um “jogo de forças”, no qual as intenções, ideias, interesses e propostas de um determinado grupo lutam para se sobrepôr às demais que estão nesse jogo. São esses elementos que buscamos identificar em nossas fontes, dado que estas são um instrumento literário produzido nessa espacialidade.

Daí a abertura de dois caminhos teórico-metodológicos possíveis para o estudo das representações coletivas: (1º) estudar a construção de identidades sociais a partir do confronto entre as representações impostas por aqueles que detêm o poder de classificar e nomear, e as representações construídas pela própria comunidade, seja passivamente, seja resistindo à imposição; e (2º) estudar a capacidade do grupo de fazer com que se reconheça sua existência a partir da exibição de uma unidade instrumentalizada pela representação. Segundo essa proposta, a história cultural estaria fazendo um duplo “retorno útil ao social”, lançando o olhar para o choque de forças sociais que move as “lutas de representações” e lançando o olhar para a capacidade que o grupo tem de se fazer reconhecer como unidade e identidade (CHARTIER, 2002, p. 73).²³

Com efeito, no que toca o nosso objeto, através das atas, documentos de ordem política produzidos nas reuniões do Clube dos Jacobinos de Paris, buscamos compreender os jacobinos enquanto atores sociais que, inseridos na espacialidade do Clube, exercem uma prática cultural através dos embates e das discussões entre os membros evidenciando a maneira como se entendem e como apreendem o contexto social em que estão inseridos. São esses atores que, através da sua trajetória interna do Clube ao qual pertenceram, influenciaram diretamente o curso revolucionário as mudanças culturais no cenário político francês.

O exercício político, sendo um elemento constituidor e transformador da cultura de uma determinada sociedade, se releva como um ponto crucial e incontornável para o exercício que pretendemos. Nesse sentido, acreditamos que o Clube deve ser melhor explorado sob o enfoque das atas produzidas por demonstrarem como os homens daquele tempo se organizavam politicamente, traçando estratégias, propondo resoluções, apontando seus inimigos e, assim, entender o que levou à cisão entre seus membros em julho de 1791.

As atas nos evidenciam que o episódio da fuga da família real para Varennes em junho de 1791, conhecido como um golpe arquitetado para retirar o rei do centro das movimentações, gera uma instabilidade na política francesa e marca profundamente as

²³ CARVALHO, Francismar Alex Lopes de. **O conceito de representações coletivas segundo Roger Chartier.** Diálogos, DHI/PPH/UEM, n. 1, v. 9, (p. 143-165), 2005, p. 158.

discussões internas do Clube. Essa instabilidade se deve ao fato de que até aquele momento da Revolução a instituição monárquica não havia sido contestada, já que sob uma Monarquia Constitucional o rei reina “pela graça de Deus e pela lei constitucional do Estado”²⁴ e a fuga representa o abandono à pátria. Destarte, como podemos perceber na carta dos jacobinos de Paris endereçada aos clubes afiliados há uma resposta imediata à fuga para fazer avançar a Revolução:

Irmãos e amigos,

O rei perdeu por sugestões criminais, afastou-se da Assembleia Nacional.

Longe de serem abatidas por este evento, nossa coragem e a de nosso povo foram elevadas ao nível das circunstâncias.

Nenhum problema, nenhum movimento aleatório, somente acompanharam a impressão que nós sentimos. Uma firmeza calma e determinada nos deixa disponível para todas as nossas forças. Eles são consagradas à defesa de uma causa justa: elas serão vitoriosas.

Todas as divisões são esquecidas; todos os patriotas estão reunidos.

A *Assembleia nacional* é o nosso guia; a *Constituição* é o nosso grito de guerra.²⁵

É nesse sentido que observamos que as fontes se revelam profícuas para nossa abordagem, pois elas nos mostram a opinião dos membros do Clube. Destarte, é possível visualizar no caso da declaração proferida por um jacobino, Danton, que, após o episódio da fuga, nota a presença de outro político que será alvo de desconfiança, o general La Fayette da guarda nacional, acusado de proteger a família real na fuga, e discursa para a assembleia com eloquência:

Não tenhamos ilusões, senhores. A fuga do rei é apenas o resultado de um vasto complô. As inteligências e os primeiros funcionários públicos só foram capazes de conduzir a execução. E você, senhor La Fayette, você que ainda nos respondia recentemente como pessoa do rei, aparecer nesta assembleia [significa] que pagou a sua dívida? Você jurou que o rei não partiria. Ou você entregou a sua pátria, ou você é estúpido de ter obedecido a uma pessoa que você não podia ter obedecido. No caso mais favorável você se declarou incapaz de nos comandar. Mas eu quero acreditar que nós podemos apenas te reprovar dos erros. Se fosse verdade que a liberdade da nação francesa

²⁴ VOVELLE, Michel. **A Revolução Francesa (1789-1799)**. Trad. Mariana Echalar. São Paulo: Editora UNESP, 2012, p. 81.

²⁵ AULARD, F. -A. **La Société des Jacobins**: recueil de documents pour l’histoire du Club des Jacobins de Paris. Paris: Maison Quantin, v. 2, 1891. Disponível em: <https://archive.org/details/lasocitdesja02aulaauft>>. Acesso em: 30 maio 2014, p. 538. Tradução livre.

dependesse de um só homem, ela mereceria a escravidão e a abjeção. A França pode ser livre sem você. Seu poder pesa sobre oitenta e três departamentos. Sua reputação roubou de um polo a outro. Quer ser verdadeiramente grande? Mais uma vez se torne um simples cidadão, e não mais alimente a confiança de uma grande parte das pessoas.²⁶

Com efeito, com base nas atas, é possível observar a opinião dos políticos, os desdobramentos internos, destacar os embates, o processo verbal decorrido das reuniões, as proposições dos membros e, assim, alcançar nossos objetivos de compreender as razões que levaram à cisão dos membros do Clube dos Jacobinos junho de 1791. O desenvolvimento deste trabalho está amparado pela perspectiva da construção de numa leitura mais pontual sobre os jacobinos, buscando ampliar as abordagens historiográficas sobre a Revolução Francesa ao lançarmos o olhar para o Clube como um espaço de sociabilidade política em constante diálogo com outras instâncias vitais para o período em questão, como a Assembleia Nacional e outros clubes da mesma ordem, ressaltando, assim, sua importância como um local de tomada de decisões quanto ao futuro da Revolução.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

a) Fontes textuais:

AULARD, F. -A. **La Société des Jacobins**: recueil de documents pour l'histoire du Club des Jacobins de Paris. Paris: Maison Quantin, v. 2, p. 464-626, 1891. Disponível em: <https://archive.org/details/lasocitdesja02aulauoft>>. Acesso em: 30 maio 2014.

_____. v. 3, p. 1-231, 1892. Disponível em: <https://archive.org/details/lasocitdesja03aulauoft>>. Acesso em: 30 maio 2014.

b) Bibliografia:

AULARD, F. -A. Introduction. IN: **La Société des Jacobins**: recueil de documents pour l'histoire du Club des Jacobins de Paris. Paris: Maison Quantin, v. 1, p. I-CXXXVI, 1889. Disponível em: <<https://archive.org/details/lasocitdesja01aulauoft>>. Acesso em: 30 maio 2014.

²⁶ Ibid.

BARROS, José D'Assunção. **A Nova História Cultural** – considerações sobre o seu universo conceitual e seus diálogos com outros campos históricos. Cadernos de História, Belo Horizonte, v. 12, n. 16, 1º sem. 2011.

_____. **História Cultural**: um panorama teórico e historiográfico. Textos de História, v. 11, n. 1-2, 2003. Disponível em:

<<http://seer.bce.unb.br/index.php/textos/article/viewFile/5925/4901>>. Acesso em: 15 jul. 2014.

_____. **Os campos da História** - uma introdução às especialidades da História. Revista HISTEDBR On-line, Campinas, n.16, p. 17 -35, dez. 2004 - ISSN: 1676-2584. Disponível em: < http://www.histedbr.fae.unicamp.br/revista/revis/revis16/art3_16.pdf >. Acesso em: 15 jul. 2014.

BLOCH, Marc. **Apologia da História ou O Ofício do historiador**. Trad. André Telles. Rio de Janeiro: Zahar, 2001.

BOBBIO, N.; MATTEUCCI, N.; PASQUINO, G. **Dicionário de política**. Trad. Carmen C. Varriale et ai. Brasília: Editora UnB, 1998. 2 v.

BOTO, Carlota. **Política e produção compartilhada de sentidos públicos**: rastros e rumos do jacobinismo. Revista USP, São Paulo, n. 50, p. 289-303, junho/agosto 2001.

BURKE, Edmund. **Reflexões sobre a Revolução em França**. Trad. Renato Assumpção Faria; Denis Fontes de Souza Pinto e Carmen Lidia Richter Ribeiro Moura. Brasília, UnB, 1982.

BURKE, Peter. **O que é história cultural?** Trad. Sérgio Goes de Paula. Rio de Janeiro: Zahar, 2008.

CERTEAU, Michel de. **A Escrita da História**. Trad. Maria de Lourdes Menezes. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1982.

CHARTIER, Roger. **A história cultural**: entre práticas e representações. Francisco Bethencourt e Diogo Ramada Curto (Org.). Trad. Maria Manuela Galhardo. Rio de Janeiro: DIFEL, 2002. (Memória e Sociedade)

_____. **A história ou a leitura do tempo**. Trad. Cristina Antunes. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2009.

_____. **Origens culturais da Revolução Francesa**. Trad. George Schlesinger. São Paulo: UNESP, 2009. 320 p.

CLEMENTE, Rafael Willian. **História Política e a “Nova História”**: um breve acerto de contas. Cadernos UniFOA, Volta Redonda, RJ, n. 16, agosto, 2011.

DARNTON, Robert. **O beijo de Lamourette**: mídia, cultura e revolução. Trad. Denise Bottmann. São Paulo: Companhia das Letras: Schwarcz, 1990.

_____. **O grande massacre de gatos e outros episódios da história cultural francesa**. Trad. Sonia Coutinho. Rio de Janeiro: Graal, 1988.

DOSSE, François. **La marche des idées** – histoire des intellectuels, histoire intellectuelle. Paris: La Découverte, 2003. Resenha de: RODRIGUES, Helenice. Rev. Bras. Hist. vol. 24, n. 48, São Paulo, 2004.

FALCON, Francisco. História e poder. In: CARDOSO, Ciro Flamarion; VAINFAS, Ronaldo (Orgs.). **Domínios da história**: ensaios de teoria e metodologia. Rio de Janeiro: Campus, 1997.

_____. História das Idéias. In: CARDOSO, Ciro Flamarion; VAINFAS, Ronaldo (Orgs.). **Domínios da história**: ensaios de teoria e metodologia. Rio de Janeiro: Campus, 1997.

FEBVRE, Lucien. **Le problème de l'encroyance au XVIème siècle**: la religion de Rabelais. Paris: Albin Michel, 1968.

FURET, François. **Dicionário crítico da Revolução Francesa**. Trad. José Guilherme Merquior. Rio de Janeiro : Nova Fronteira, 1989.

_____. **Pensando a Revolução Francesa**. Trad. Luiz Marques e Martha Gambini. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1989.

GODECHOT, Jacques L. **Les institutions de la France**: sous la révolution et l'empire. Paris: Presses Universitaires de France, 1968.

_____. **A Revolução Francesa**: cronologia comentada, 1787-1799. Trad. Julieta Leite. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1989.

História da vida privada, 4: Da Revolução Francesa à Primeira Guerra. Michelle Perrot (Org.). Trad. Denise Bottmann, Bernardo Joffily. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.

HUNT, Lynn. **A nova história cultural**. Tradução: Jefferson Luiz Camargo. São Paulo: Martins Fontes, 1992. (O Homem e a História).

KOSELLECK, Reinhart. **Futuro Passado**: contribuição à semântica dos tempos históricos. Trad. Wilma Patrícia Mass e Carlos Almeida Pereira. Rio de Janeiro: Contraponto Ed. PUC-Rio, 2011.

LANGER, Johnni. **A Nova História Cultural**: origens, conceitos e críticas. História e-história, 2012. Disponível em:
<<http://www.historiaehistoria.com.br/materia.cfm?tb=artigos&id=186>>. Acesso em: 17 jul. 2014.

LEFEBVRE, Georges. **1789: o surgimento da Revolução Francesa**. Trad. Claudia Schilling. São Paulo: Paz e Terra, 1989.

_____. **A Revolução Francesa**. Trad. Ely Bloem de Melo Pati. São Paulo: IBRASA, 1966.

MICHELET, Jules. **História da Revolução Francesa: da queda da Bastilha à festa da federação**. São Paulo: Companhia das Letras: Círculo do Livro, 1989. 428 p.

NETO, Joachin Azevedo. **A Revolução Francesa revisitada**. História da Historiografia, Ouro Preto, n. 8, 205-210, abril, 2012. Disponível em: <<http://www.historiadahistoriografia.com.br/revista/article/viewFile/308/251>>. Acesso em 11 jun. 2014.

OLIVEIRA, Josemar Machado de. **Os jacobinismos (1789-1794)**. Dimensões, Vitória, ES, n. 19, NPIH/Ufes, 189-205, 2007.

_____. **Robespierre e a “oposição de esquerda”**: as contradições da democracia revolucionária. Dimensões, Vitória, ES, n. 13, 28-38, jul /dez, 2001.

ORLANDI, Eni P. **Análise de discurso: princípios e procedimentos**. Campinas: Pontes, 2009.

RODRÍGUEZ, Margarita Victoria. **A origem da escola moderna: o legado de Condorcet**. Acta Scientiarum. Education, Maringá, v. 32, n. 1, p. 67-74, 2010. Disponível em: <<http://periodicos.uem.br/ojs/index.php/ActaSciEduc/article/view/9771/5882>> . Acesso em: 17 jul. 2014.

SAES, Laurent Azevedo Marques de. **A propriedade sob a república jacobina: o impacto da legislação revolucionária sobre a questão fundiária**. 2008. 210 p. Dissertação (Mestrado em História Social) - Universidade de São Paulo, São Paulo, 2008. Disponível em: <<http://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8138/tde-20052008-135132/pt-br.php>>. Acesso em: 17 jul. 2014.

SAFRAN, William. **Pluralism and multiculturalism in France: post-jacobin transformations**. Political Science Quarterly, v. 118, n. 3, dez.-mar., 2003. Disponível em: <<http://www.jstor.org/discover/10.2307/30035783?uid=2&uid=4&sid=21104561984803>>. Acesso em: 17 jul. 2014.

SANTOS, Dominique Vieira Coelho dos. **Acerca dos conceitos de representação**. Revista de Teoria da História, Universidade Federal do Goiás, ano 3, v. 6, dezembro, 2011. Disponível em: <http://revistadeteoria.historia.ufg.br/uploads/114/original_Artigo%20,%20SANTOS.pdf?1325192377>. Acesso em: 15 jul. 2014.

SILVA, Leonardo Santana da. **Análise sobre os métodos e conceitos em História Cultural**. História e-história, 2010. Disponível em:

<<http://www.historiaehistoria.com.br/materia.cfm?tb=professores&id=132>>. Acesso em: 29 maio 2014.

SOBOUL, Albert. **A Revolução Francesa**. 6. ed. Trad. Rolando Roque da Silva. São Paulo: DIFEL, 1986.

STAROBINSKI, Jean. **1789: os emblemas da razão**. Tradução: Maria Lucia Machado. São Paulo: Companhia das Letras, 1988.

TOCQUEVILLE, Alexis de. **O Antigo Regime e a Revolução**. J.-P. Mayer. (Org.) Trad. Rosemary Costhek Abílio. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2009.

VAINFAS, Ronaldo. História das mentalidades e História Cultural. In: CARDOSO, Ciro Flamarion; VAINFAS, Ronaldo (Orgs.). **Domínios da história: ensaios de teoria e metodologia**. Rio de Janeiro: Campus, 1997.

VOVELLE, Michel. **A Revolução Francesa (1789-1799)**. Trad. Mariana Echalar. São Paulo: UNESP, 2012.

_____. **A Revolução Francesa e seu eco**. Trad. Magda Sento Sé Fonseca. Estudos Avançados, São Paulo, v. 3 n. 6 May/Aug, 1989.

_____. **Jacobinos e Jacobinismo**. Trad. Viviane Ribeiro. Bauru: Edusc, 2000.